



Reinventar os modelos de estudo da oratória barroca de Vieira na(s) escola(s) de hoje: o caso dos sermões de quarta-feira de cinza

ALBANO ANTÓNIO CABRAL FIGUEIREDO
FLUC



Resumo: O estudo da obra de Vieira na(s) Escola(s) de hoje em Portugal continua a centrar-se – a nosso ver, em demasia e de modo algo monótono – em duas peças oratórias que reenviam o público juvenil para temas e aspectos tão inequivocamente pertinentes e fulcrais quanto, todavia, excessivamente cristalizados. E entre as dezenas de sermões que na sua longa e preenchida vida o jesuíta produziu é possível, como se sabe, rastrear uma muito mais vasta variedade de espécimes, com potencialidades didáticas fantásticas, como é, por exemplo, o caso daqueles três sermões que se destinaram a serem especificamente proferidos em quarta-feira de Cinza, e, assim, a assinalarem o início da Quaresma. Tanto como objecto de uma abordagem mais imediatamente centrada na caracterização externa – individual e comparativa –, como assumindo-se enquanto terreno para a exercitação de uma exegese que pretenda desvendar linhas de sentido mais profundas, estes três sermões bem poderiam constituir-se, em contexto de sala de aula, hoje, como um pequeno “corpus” alternativo para análise mas igualmente representativo do emblemático labor tão fecundamente barroco de Vieira. Assume, pois, esta reflexão o objectivo essencial de, com um caso concreto, contribuir para o debate em torno das potenciais formas inovadoras e alternativas de empreender uma (re)aproximação continuada da literatura portuguesa do século XVII ao centro do cânone escolar e, logo, aos públicos mais juvenis e à Cultura.

Palavras-chave: Barroco; Oratória; Didáctica; Escola; Cultura

Abstract: The study made in the Portuguese schools, nowadays, of the work by Vieira is still frequently and monotonously centred in two oratory plays that readdress the juvenile public to themes of clear pertinence and importance though, in our opinion, excessively crystallised. And, amongst the tens of sermons produced throughout the long and fruitful career of this Jesuit, it is possible to trace a vaster variety of samples with amazing didactical potential, as are, for example, the three sermons that were written to be delivered on Ash Wednesday, and, so, mark the beginning of the Lenten season. Both as the object of a more promptly approach, centred on an external characterisation – individual or comparative – or as an exercise field for comprehension, with the aim of unwrapping deeper meanings, these three sermons could very well become, in the classroom context, a small alternative “corpus”, though equally representative of the emblematic work so fruitfully baroque of Vieira. This paper takes up the fundamental purpose of contributing, with a very concrete case, for the debate about the new and potential alternatives to undertake a progressive (re)approach of the 17th Century Portuguese literature to the centre of the school canon and, as a consequence, to a youngster audience and to Culture.

Keywords: Baroque; Oratory; Teaching; School; Culture

Preâmbulo

O estudo da obra do Padre António Vieira e do Barroco no âmbito dos escalões não universitários da(s) Escola(s) de hoje em Portugal continua a centrar-se, como é amplamente sabido, em duas peças oratórias de base:

o “Sermão de Santo António aos Peixes”, na disciplina de Português para o 11º ano dos Cursos Científico-Humanísticos e dos Cursos Tecnológicos, e o “Sermão da Sexagésima”, na disciplina de Literatura Portuguesa para o Curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades (10º ou 11º anos).

Embora os dois sermões reenviem o público juvenil para aspectos inequivocamente pertinentes e fulcrais sobre o pregador e aquela categoria estilístico-periodológica, começam todavia aqueles mesmos textos a não escapar a uma certa etiqueta de matéria talvez excessivamente cristalizada. Quiçá fruto de modelos de abordagem, interpretação e catalogação que o tempo lhes impôs em função de uma espécie de “fato à medida” e dos quais é agora difícil libertá-los, porventura porque interessará mais o cumprimento de outros objectivos concretos de alcance escolar, como a exploração pragmático-linguística do texto de carácter expositivo e argumentativo, o certo é que por estas vias se foi tornando inexorável aquela constatação, e, afinal, à sombra da fixação de um poderoso mas muito minúsculo cânone textual dentro da obra de um dos elementos da mais ampla e grande sequência do cânone autoral.

Tal desconforto avoluma-se com o passar dos anos, porquanto entre as quase duas centenas de sermões que na sua muito longa e preenchida vida o Padre António Vieira produziu é possível rastrear uma muito mais vasta e rica variedade de espécimes com potencialidades didácticas igualmente fantásticas, mesmo num quadro específico da tipologia expositiva-argumentativa, como é, por exemplo, entre tantas outras séries que aqui podiam ser convocadas, o caso daqueles três sermões que se destinaram a serem especificamente proferidos pelo jesuíta em quarta-feira de Cinza, e, assim, a assinalarem o início da Quaresma.

Seria total e descabida estultícia de nossa parte querer, todavia, rasurar de uma assentada só aqueles dois primeiros sermões da(s) Escola(s) de hoje. Não é disso que se trata, nem é disso que aqui se pretende tratar. Já pela qualidade textual invulgar dos mesmos – que o próprio pregador lhes quis também reconhecer –, já pelas suas propriedades quase únicas de conceptualização em torno da tipologia discursiva do sermão, as duas peças da oratória barroca de Vieira terão sempre lugar assegurado, por mérito próprio, em qualquer conjunto de leituras literárias com que os nossos jovens devam desde cedo contactar. E ainda bem. Mas, como também se sabe, a excessiva cristalização de modelos e a restrição sistemática a um par de textos será sempre inimiga da renovação e da abertura ao conhecimento, isto por um lado; por outro, a excessiva centralidade de um conjunto tão diminuto de textos acabará por de maneira irremediável ofuscar e relegar para um infelizmente bem recheado limbo aqueloutros que só a muito custo poderão um dia ser resgatados dessa tantas vezes injusta penumbra.

E é precisamente este o cerne da reflexão que aqui se apresenta: não será já chegado o tempo de a par da “Sexagésima” e do “Sermão de Santo António aos Peixes” se abrir um espaço de conhecimento e abordagem (re) inventiva de pelo menos mais um pequeno punhado de

sermões vieirinos no âmbito dos programas de Português e de Literatura Portuguesa da(s) Escola(s) de hoje, com tempos, objectivos e estratégias, tanto ao nível dos conteúdos como das formas, bem delimitados e resultados a alcançar devidamente estabelecidos? E se colocamos a questão é porque estamos convencidos da bondade do pressuposto de que nas nossas escolas, ciclicamente, se impõe inovar, diversificar e até mesmo modificar, para poder (re)conquistar.

Assume, pois, esta nossa reflexão o objectivo essencial de, com um caso concreto, contribuir para o debate em torno das potenciais formas inovadoras e alternativas de empreender uma (re)aproximação continuada da literatura portuguesa do século XVII ao centro do trabalho escolar, logo aos públicos mais juvenis, e, afinal, à Cultura, assumidamente pelo lado da diversificação.

O estado da arte

Que os programas escolares de Português atiraram autenticamente Vieira para um enquadramento de teor pragmático-linguístico, pese embora o estatuto de leitura literária que o 10.º ano dos Cursos Científico-Humanísticos e Tecnológicos lhe concede, é uma verdade “lapaliciana”. Que nos resignemos *ad eternum* a essa arrumação seria um incompreensível comodismo!

O documento ministerial que, em 2001 e 2002, estabeleceu tais programas começa por definir como duas das suas finalidades (i) “formar leitores reflexivos e autónomos que leiam na Escola, fora da Escola e em todo o seu percurso de vida, conscientes do papel da língua no acesso à informação e do seu valor no domínio da expressão estético-literária” e (ii) “promover o conhecimento de obras/autores representativos da tradição literária, garantindo o acesso a um capital cultural comum” (SEIXAS et al., 2002, p. 6). Não poderíamos estar mais de acordo com isso. Contudo, o “Sermão de Santo António aos Peixes” aparecerá, enquanto leitura literária, é certo, sempre a par do discurso político (SEIXAS et al., 2002, p. 14) ou como par dos discursos políticos (SEIXAS et al., 2002, p. 41). Aliás, pertencendo à “Sequência de Ensino-Aprendizagem nº 2” (SEIXAS et al., 2002, p. 56), mais uma vez fica bem claro que essa intrínseca ligação ao discurso político é para manter, ou pelo menos ao texto expositivo-argumentativo e ao processo de criação/composição de uma textualidade argumentativa. Quer isto dizer que o programa de Português parece querer resolver dois aspectos com uma só solução: selecciona, é um facto, um bom texto de base para a questão da exemplificação da tipologia do discurso expositivo-argumentativo e “encaixa” uma peça que ajudará a conformar um elenco literário ainda assim muito limitado, neste caso solucionando “o problema” do século XVII. Mas só isso.

E não menos magra é a utilização da obra do Padre António Vieira no âmbito dos programas de Literatura Portuguesa: tratando-se da prosa, o jesuíta poderia ombrear, mas apenas em excerto(s), com Bernardim e Mendes Pinto (COELHO; SERÔDIO; CAMPOS, 2001, p. 13). Ainda assim, nada mau – dir-se-ia –, se pensarmos que nenhum outro autor do século XVII conseguiu almejar tal distinção... Nem mesmo D. Francisco Manuel de Melo!

Se os programas o anunciam, os manuais confirmam-no. Por necessidade de partir de uma amostra fidedigna, quisemos verificar como o manual de Português/11º ano que foi seleccionado no ano lectivo de 2009/2010 na escola que aparece normalmente em primeiro lugar do “ranking” das escolas públicas com melhores resultados globais – a Escola Secundária Infanta Dona Maria, em Coimbra – acolhe a matéria em questão. Com efeito, as páginas 82 a 105 de *Das palavras aos actos*, das Edições Asa (CARDOSO et al., 2008), são inteiramente dedicadas ao pregador, para logo a seguir se juntarem (em mais duas páginas) um exemplo de dinamização de um projecto de visita de estudo ao “Porto barroco” e (em mais quatro páginas) questões relacionadas com o texto argumentativo, sintomaticamente como que desligando essa característica do texto peculiar que foi estudado – o sermão de Vieira – e a mesma fosse necessariamente ampliada e projectada para qualquer outro texto de carácter argumentativo, onde até a especificidade do Barroco já pouco ou nada interessaria. Aliás, as primeiras páginas (62-75) daquela mesma segunda unidade do livro são na sua essência dedicadas aos discursos políticos: um discurso político-parlamentar de António José de Almeida, um discurso político-parlamentar de Manuel Alegre e um discurso solene de Jorge Sampaio... Mas – menos mal – a centralidade do “Sermão de Santo António aos Peixes” parece não deixar de ser inquestionável nessa segunda unidade de ensino-aprendizagem.

Ora, se os programas o admitissem ou pelo menos não o rejeitassem, nas onze longas páginas daquele manual que transcrevem as palavras de Vieira – porque o sermão é apresentado na íntegra – não poderia e deveria haver espaço para uma abordagem, ainda que a título complementar ou suplementar, de outros sermões que, contribuindo também para o cumprimento dos objectivos de um Programa, pudesse alargar os horizontes do(s) aluno(s) e evitar uma visão redutora e tantas vezes perniciososa da obra de Vieira, porque confinada a um só, mesmo e portanto “reincidente” texto?

De resto, experiência não muito diferente resulta do contacto, por exemplo, com *Projectos de leitura*, manual também das Edições Asa (VILELA; ALARCÃO; CABRAL, 2008), que vai sendo adoptado para a disciplina de Literatura Portuguesa pelas escolas que ainda vão conseguindo captar alguns estudantes para a

área de Línguas e Humanidades – feito cada vez mais raro –, como foi, no mesmo ano lectivo, o caso da Escola Secundária Jaime Cortesão, também em Coimbra. Neste âmbito é-nos dada a contemplar uma insistência no “Sermão da Sexagésima” no quadro do módulo 2 (Do Renascimento ao Pré-Romantismo), numa transcrição não integral, isto depois do tratamento de aspectos mais gerais correlacionados com a vida e a obra do pregador. E tanto que, com o mesmo tempo, se poderia ainda acrescentar em termos de contacto com o conjunto da oratória barroca de Vieira... Todavia, como os alunos de Literatura Portuguesa também frequentam Português e no 11.º ano lá encontrarão o Vieira de “Peixes”, a norma dos docentes vai sendo a de preferir – porque os programas permitem essa opção – Bernardim ou Mendes Pinto, nem sequer “olhando” para a “Sexagésima”.

Queremos, no entanto, deixar uma coisa bem clara: a qualidade geral destes dois manuais parece-nos boa. O problema não reside neles: encontra-se antes a montante, isto é, nos programas.

Para uma renovação

Perante este quadro, duas reacções são perfeitamente possíveis: desistir de mudar ou resistir à repetição sistémica e mudar mesmo. Optamos claramente pela segunda: aqueles dois sermões devem merecer um destaque que não pomos minimamente em causa, mas a eles se deveriam juntar mais alguns, que, de ano para ano, e porque os programas o permitiriam, poderiam, numa primeira fase, a título de – sublinhamos – complemento ou suplemento, ser também estudados com vantagens inegáveis para o sistema, o mesmo é dizer para a formação escolar nacional.

Ora, tematizando primordialmente o imaginário da morte e a sua correlação com a vida, como muito conviria ao dia, ao auditório e ao próprio pregador, mas a isso não se restringindo, os três sermões de Quarta-Feira de Cinza – dois deles efectivamente ditos em Roma (em 1672 e 1673), o outro, ao que tudo indica, nunca tendo chegado a ser proferido, mas todos incluídos, pela própria mão do autor, na edição “princeps” dos *Sermões*¹ – dão corpo de maneira particular e exemplar ao multimodo e tão típico fazer, desfazer e refazer que enforma a constelação discursiva vieirina, ora repetindo, ora reelaborando, ora burilando, ora modificando, ora rejeitando, ora até mesmo “deturpando”, o que em si mesmo encerra, à

¹ Os dois primeiros sermões foram incluídos no Tomo I da “editio princeps”, em 1679 (*Sermoens do P. Antonio Vieira, da Companhia de Iesv, Prégador de Sua Alteza. Primeyra Parte. Dedicada ao Principe, N.S.* Em Lisboa. Na officina de Ioam da Costa); o terceiro consta do Tomo VI, de 1690 (*Sermoens do P. Antonio Vieira da Companhia de Iesv, Visitador da Provincia do Brasil, Prégador de Sua Majestade, Sexta Parte.* Em Lisboa. Na officina de Miguel Deslandes).

partida, inegáveis propriedades de atracção da leitura e de diversificação no trabalho textual. Além do mais, enquanto terreno fértil de eloquência suprema, argumentação nata, eficácia persuasiva e crítica social intemporal em muito contribuiriam para também facilitarem a consolidação de um conjunto de conhecimentos e competências que estão no âmago das preocupações dos programas acima referidos. Restringiremos, naturalmente, esta nossa abordagem a dois ou três aspectos mais elucidativos que suportam o que acabamos de mencionar.

Isolando, por exemplo, os exórdios, rapidamente emergiriam algumas das características mais usuais da oratória barroca do jesuíta. Logo na abertura do sermão de 1672, diz o pregador: *Duas cousas prega hoje a Igreja a todos os mortais: ambas grandes, ambas tristes, ambas temerosas, ambas certas* (VIEIRA, 2008, p. 63). E o espécime de 1673, no mesmo ponto, apresentará o seguinte: *Duas cousas prega hoje a Igreja a todos os mortais: ambas grandes, ambas tristes, ambas temerosas, ambas certas* (VIEIRA, 2008, p. 517). Mas logo acrescenta aqui: *Assi comecei eu o ano passado, quando todos estávamos mais longe da morte; mas hoje, que também estamos todos mais perto dela, importa mais tratar do remédio, que encarecer o perigo* (VIEIRA, 2008, p. 517).

Ou seja, o primeiro contacto com os dois sermões evidenciaria de imediato ao público juvenil leitor uma das formas de construção textual vieirina mais comum, na vertente da palavra escrita mas seguramente também na da palavra dita: a do retomar segmentos inteiros de um discurso afim já proferido em ocasião similar – ou não – para, com o intuito de variar, lhes acrescentar outros pequenos elementos que introduzem novidade e alteração. Neste caso, assegurada que estava a ligação “fraternal” entre os sermões, havia que explicitar que, embora o dia fosse liturgicamente o mesmo, o local da pregação igualmente o mesmo e a temática necessariamente congénere, o ano era já outro e que, para não se limitar a repetir, enveredaria por uma outra faceta da matéria que pretendia tratar.

E o terceiro sermão haverá também de esclarecer no seu início:

Outras vezes, e por vários modos, neste mesmo dia, e sobre estas mesmas palavras, tenho comparado e combinado entre si o pó que somos, com o pó que havemos de ser: e posto que me não arrependo do que então disse, o que hoje determino dizer não é menos qualificada verdade, nem menos importante desengano. (PÉCORRA, 1994, p. 101)

Quer dizer: a leitura sequencial dos passos iniciais dos exórdios das três peças facilmente testemunharia aos jovens escolares o fazer e o refazer tão presentes na oratória barroca e que em Vieira se torna tão acutilante,

dentro de um quadro expositivo inaugural a que se seguirão argumentos não muito distantes do ponto de vista sémico, estrutural e estilístico. O exórdio de 1672 continuará da seguinte maneira:

Mas ãa de tal maneira certa, e evidente, que não é necessário entendimento para a crer: outra de tal maneira certa, e dificultosa, que nenhum entendimento basta para a alcançar. ãa é presente, outra futura; mas a futura vêem-na os olhos, a presente não a alcança o entendimento. E que duas cousas enigmáticas são estas? *Pulvis es, et in pulverem reverteris*. Sois pó, e em pó vos haveis de converter. Sois pó, é a presente: em pó vos haveis de converter, é a futura. (VIEIRA, 2008, p. 63)

Já em 1673, no *locus* discursivo equivalente, o pregador mantém a toada mas diversifica nas palavras:

Adiantando pois o mesmo pensamento, e sobre as mesmas palavras, digo, Senhores, que duas cousas prega hoje a Igreja a todos os vivos: ãa grande, outra maior; ãa triste, outra alegre; ãa temerosa, outra segura; ãa certa e necessária, outra contingente, e livre. E que duas cousas são estas? Pó, e pó. O pó que somos: *Pulvis es*; e o pó que havemos de ser: *In pulverem reverteris*. (VIEIRA, 2008, p. 517-518)

E na terceira peça dirá: *O pó que somos, é o de que se compõem os vivos: o pó que havemos de ser, é o em que se resolvem os mortos* (PÉCORRA, 1994, p. 101).

Mediante um breve confronto textual inicial das três peças ficariam, portanto, bem claras para o público escolar várias outras constatações. Em primeiro lugar, a de que o ritmo binário do discurso vieirino, de recorte estilístico sempre muito bem delineado e proporcionado, é uma inegável realidade, e, em segundo lugar, a de que tal procedimento condiciona a instauração de uma dualidade temática fundante – vida/morte –, por meio da sugestão metafórico-imagética do pó: o “pó que somos” e o “pó que havemos de ser”. Além do mais, essa imagem “forte” necessariamente colocaria o aluno enquanto ser humano perante os modos de assunção discursiva de uma realidade natural inultrapassável, embora aqui apresentada no âmbito de um jogo de aproximações quase paradoxal, dada a compaginação de um sabor lúdico com uma certa tensionalidade ética.

Pergunta-se, pois: em que ponto dos programas ou em que momento dos manuais escolares se vincam de modo consolidado estas características da obra de Vieira? É que sem um recrutamento de um “corpus” ligeiramente mais vasto, os jovens dificilmente ficarão a conhecer este tipo de construção basilar no autor e no Barroco!

Tome-se agora como outro aspecto a referir o da organização estrutural de cada um dos sermões. Seleccionamos, a título de exemplo, a prédica de 1673.

Mesmo no final do capítulo II, o pregador decide, como se impunha e muito lhe interessava, “dividir” o discurso: *Três cousas (dividamos o discurso, para que declaremos, e apartemos bem este ponto). Três cousas fazem duvidosa, perigos, e terrível a morte. Ser ãa; ser certa; ser momentânea* (VIEIRA, 2008, p. 523).

De uma construção binária passamos, portanto, por diversificação, para um registo ternário. E nos três capítulos seguintes vai Vieira ocupar-se de cada uma das questões assim introduzidas. Dirá no início do capítulo III: *Primeiramente é terrível, e terrívelíssima condição da morte ser ãa: Statutum est hominibus semel mori. Hei-de morrer: e ãa só vez* (VIEIRA, 2008, p. 524).

O seguinte – o IV – adoptará como ponto de partida: *Vencida assi esta primeira dificuldade de ser a morte ãa, segue-se a segunda não menos perigosa, nem menos terrível, que é o ser incerta* (VIEIRA, 2008, p. 530-531). E no V, rematará: *A última dificuldade, e o maior perigo, e aperto da morte é ser momentânea* (VIEIRA, 2008, p. 538).

A dissertação em cada um destes três capítulos, de modo tão claro e linear, em torno destes pressupostos permitir-lhe-á, quando iniciar a fase final do sermão, ao anunciar a peroração, lançar – no começo do capítulo VI – um processo retórico de recaptação final da benevolência do auditório:

Parece-me, Senhores meus, que tenho satisfeito ao meu argumento, e tanto em comum como em cada ãa das suas partes demonstrado a verdade dele, mais pela evidência da matéria, que pela força das razões, menos necessárias a um auditório de tanto juízo, e letras. Para o que se deve colher desta demonstração, quisera eu que subisse agora a este lugar quem com diferente espírito, e eficácia a perorasse. Mas já que hei-de ser eu, ajudai-me a pedir de novo à Divina Bondade o favor, e auxílio de Sua Graça, que para matéria de tanto peso nos é necessária. (VIEIRA, 2008, p. 546)

Este sermão é, pois, um belíssimo exemplo do género como categoria de, por um lado, virtualidades pré-estabelecidas, e, por outro, espaço de exercitação imaginosa e exuberantemente barroca.

Se para além do estudo de “Santo António aos Peixes” na sala de aula, o aluno pudesse ler de forma global e sequencial estes três sermões, mais facilmente apreenderia as *tournares* da composição vieirina, sem que ficasse limitado a um só sermão, um só procedimento, uma só estrutura, afinal, a uma só visão e percepção. É que para conhecer minimamente a obra de Vieira não pode o aluno jovem ser condicionado pela imagem cativante, é certo, dos diferentes peixes que vão saltando do texto para o seu “aquário” de saberes. Tem que poder ser confrontado com outros complementos e suplementos, o que lhe assegurará o tal cabedal de leitura e o domínio textual que um só sermão não pode conferir. E qualquer

tese carece sempre de uma certificação por recurso a um leque mais vasto de amostras e testes.

Conclusão

Por conseguinte: tanto como objecto de uma abordagem mais imediatamente centrada na caracterização externa – individual e comparativa –, como assumindo-se enquanto terreno para a exercitação de uma exegese que pretenda desvendar linhas de sentido mais profundas, também assim detectando e elencando eventuais traços sistémicos de identidade, permeabilidade, complementaridade ou mesmo contraste e discrepância, ou servindo como campo de trabalho para avaliação da tipologia do discurso argumentativo – foi, em grande medida, nisto que, afinal, os dois primeiros sermões de que começámos por falar se tornaram –, estes três outros sermões bem poderiam constituir-se, em contexto de sala de aula, hoje, como um pequeno “corpus” alternativo para análise e igualmente representativo do emblemático labor tão fecundamente barroco de Vieira. Assim o queiram os poderes institucionais instituídos e a comunidade académica, que não pode nunca desistir de inovar, de querer mais e de criticamente pensar o futuro.

Referências

- CARDOSO, Ana Maria; FONSECA, Célia; PEIXOTO, Maria José; OLIVEIRA, Vitor. *Das palavras aos actos*. 2. ed. Porto: Edições Asa, 2008.
- COELHO, Maria da Conceição (Coordenadora); SERÔDIO, Maria Cristina; CAMPOS, Maria Joana. *Programa de Literatura Portuguesa – 10º e 11º ou 11º e 12º anos – Curso Científico-Humanístico de Línguas e Literaturas*, Lisboa, Ministério da Educação – Departamento do Ensino Secundário, 2001. Disponível em: <http://sitio.dgicd.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/255/literat_portuguesa.pdf>.
- PÉCORA, Alcir. *A arte de morrer. Os sermões de quarta-feira de cinza de Antonio Vieira*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- SEIXAS, João; PASCOAL, José; COELHO, Maria Conceição (Coordenadora); CAMPOS, Maria Joana; GROSSO, Maria José; LOUREIRO, Maria de La Salette. *Programa de Português – 10º, 11º e 12º anos – Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos*. Lisboa, Ministério da Educação – Departamento do Ensino Secundário, 2002. Disponível em: <http://sitio.dgicd.minedu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/280/portugues_10_11_12.pdf>.
- VIEIRA, Padre António. *Sermões*. Tomo I, edição crítica, direcção científica de Arnaldo do Espírito Santo. Lisboa: CEFi – Centro de Estudos de Filosofia/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.
- VILELA, M. Graciete; ALARCÃO, M. Lourdes; CABRAL, M. Manuela. *Projectos de leitura*. Porto: Edições Asa, 2009.

Recebido: 18 de abril 2011
Aprovado: 05 de maio 2011
Contato: afigueiredo@fl.uc.pt